

A LEITURA COMO MERCANCIA

CHAVES, Priscila Monteiro
Universidade Federal de Pelotas

OURIQUE, João Luis Pereira
Universidade Federal de Pelotas

1 A PROBLEMÁTICA

As diferenças sociais permanecem existindo no Brasil de maneira notória, originando por vezes indignação da população. Em virtude de tal problemática, a manipulação por meio da literatura ainda está muito presente na cultura, se constituindo em uma das faces camufladas de um processo educativo não comprometido com a formação do leitor. A cada dia são produzidos novos objetos descompromissados com qualquer possibilidade emancipatória para o leitor em formação.

Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as relações entre a leitura e as contribuições da teoria adorniana a este processo.

2 INDÚSTRIA CULTURAL E FORMAÇÃO DO LEITOR

Partindo da hipótese formulada acima, deu-se início a um exame bibliográfico partindo dos conceitos de leitura e de emancipação. Ao analisar os impasses presentes no processo de formação do sujeito-leitor, tomou-se ainda maior consciência da produção em massa de elementos descompromissados com o desenvolvimento de uma leitura emancipatória. Elementos estes os quais mantêm o leitor na ilusão de que aquilo que acontece em seu mundo está repleto de prosperidade, que tudo corre bem, resultando facilmente em textos dos quais o discente diz gostar de ler.

Segundo o que diz a teoria adorniana, esse seria o principal objetivo da *indústria cultural*, trazer uma falsa felicidade ao leitor, a fim de manipulá-lo sem que o mesmo perceba seus artifícios, tornando-o inativo no ato de leitura, como mero objeto de tal processo.

Os elementos produzidos pela indústria cultural buscam acalmar e cegar os homens da sociedade moderna, tomando e preenchendo o tempo livre destinado ao lazer, a fim de que a injustiça do sistema capitalista seja menos perceptível, o que faz com que o leitor esqueça, assim, a exploração sofrida nas relações de produção.

Tais finalidades direcionam a formação do sujeito-leitor para um plano enganador, uma pseudocultura, visto que, de acordo com o que afirma Emilia Ferreiro, um livro “es un objeto en busca de un lector, y no puede realizarse como objeto cultural hasta que no encuentra un lector. Ese lector es muy mal caracterizado cuando se lo define simplemente como *un cliente*.”¹(grifos meus)(2008, p.22)

¹ Tradução da autora: “é um objeto em busca de um leitor, e não pode realizar-se como objeto cultural até que encontre um leitor. Este leitor é muito mal caracterizado quando definido simplesmente como um cliente.”

Em busca de tais resultados, esta espécie de produto traz geralmente a mesma estrutura: a abordagem temática vem explícita por meio de uma tese, seguida de tensão, ou antítese para alguns teóricos, e sempre concluída com uma síntese, não deixando espaço algum de reflexão ao leitor e ainda assim sustentando seu interesse até o final do texto. De acordo com o que advogam os filósofos:

os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. Os detalhes tornam-se fungíveis. A breve seqüência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como *good sport* que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117)

A partir de tais ideias, percebe-se que este tipo de “arte” funciona como objeto de satisfação cultural, uma vez que é planejada de acordo com os interesses sociais das classes dominantes, tudo previamente controlado pela *indústria*. Tal dinâmica vai totalmente de encontro da verdadeira arte, que se faz pelo espanto, pela estranheza, cuja função é muito mais que indagar, ainda que na escola talvez esta seja sua principal contribuição.

A arte deve oferecer ao discente uma certa surpresa em relação à imagem que daquela esse possuía anteriormente, dessa forma nunca é demais o trabalho direto com as obras originais, evitando ao máximo os textos que meramente tentam simplificá-las, somente falando de arte.

Assim sendo, esta não pode ser constituída de uma forma imediata e tampouco fugir da subjetividade, a arte faz-se a partir da subjetividade.

Com o perfil recém comentado, a indústria cultural proporciona ao leitor fins instantâneos, pois segundo sua origem, a mesma superestima a cientificidade, a busca momentânea da dominação da natureza pelo homem, porém o sujeito-leitor abdica da liberdade de reflexão, e através de um processo mecânico, torna-se escravo de um processo que deveria ser fruto de seu próprio trabalho, para somente assim construir sua própria identidade.

Ainda de acordo com a teoria adorniana, essa indústria é caracterizada pelo entretenimento, pois o prazer que ela oferece não demanda esforço algum de seu consumidor, já que o produto gerado por ela prescreve o que está por vir, evitando reflexão da parte do leitor, que permanece sendo objeto da autonomia de outro.

Situação esta que parece não ter egresso, visto que “o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.118) filtro este que se camufla, desde a:

velha experiência do expectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. (1985, p.118)

Percebe-se então que, tanto o espectador quanto o leitor desta indústria jamais permanecem livres do controle de seus dados exatos, “o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica”(1985, p.119). Consistindo assim a maneira que este recurso midiático adentra o espectador, o qual entrega-se a este tipo de leitura a fim de afeiçoar-se imediatamente à realidade.

Em seu artigo intitulado *Educação após Auschwitz*, Theodor Adorno ainda alerta que as “crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas”(1995, p.135).

Ora, se o que se chamou aqui de alienação, tomada não apenas pela leitura descompromissada, mas pela abstinência de postura crítica, faz correspondência à condição de quem não produz indagações, alguém que não se questiona a respeito do funcionamento do mundo que o cerca, como esta criança não será vítima dos diversos tipos de barbárie citadas pela teoria adorniana?

3 A LEITURA MAQUÍNICA

Compreende-se então o motivo pelo qual o discente da atualidade tem tanta insegurança perante o que é *correto* ou não interpretar. Esta é a dinâmica mais corrente das aulas no que se refere aqui à prática de leitura, a regência de um *correto absoluto*. Tal insegurança ajusta-se à teoria de que o que tem importância é aprender a fazer, cumprir o que foi determinado, aprender a reproduzir. Em outras palavras, dominar a técnica, e considerá-la como algo em si mesma, como advoga o filósofo:

na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patológico. Isto se vincula ao ‘véu tecnológico’. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. (ADORNO, 1995, p.132)

O ato de ler, visto de tal forma, está diretamente relacionado ao idolatro aos meios técnicos, tal processo então pode ser considerado cegueira? Visto que tornou-se uma atividade mecânica desprovida de criticidade, questionamento e estranheza.

Ao que compete à abstinência de autonomia, Theodor Adorno ainda considera que aqueles indivíduos que “se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa”(1995, p.129). Assim, a escola não deve supor que ao propor aos alunos este sistema acabado, sem levar em consideração o processo de cognição individual de cada um, fará destes leitores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tais reflexões, torna-se evidente que o docente deve constantemente motivar o aluno, auxiliando-o a deslocar-se do lugar onde ele costuma encontrar-se, adotando com este um novo ponto de observação, a fim de tomar com estranheza algo que já tornou-se familiar a ele, isto é, deixar o seu lugar costumeiro e adotar uma nova perspectiva a fim de experimentar o estranhamento diante daquilo que se tornou familiar. Somente assim este aluno poderá perceber o que realmente o circunda.

Portanto, se o discente não possui o direito de atuar como um leitor reflexivo crítico no contexto escolar, qual será então a instituição que lhe oportunizará uma formação como tal? Se o professor não lhe disponibiliza um espaço em que ele possa argumentar, contrapor suas opiniões e discutir a respeito do que leu, em que local e de que forma este aluno perceberá que a discussão democrática com os demais possibilita alcançar maior compreensão daquilo que lê (e conseqüentemente daquilo que vivencia)? Se este profissional não lhe propicia uma formação como sujeito-leitor-independente, como este poderá futuramente autocontrolar suas próprias interpretações?

Coloca-se neste momento então a antiga questão frankfurtiana: qual seria o espaço do conhecimento estético nas sociedades em que a arte transforma-se em mercancia de consumo em série?

Para finalizar, são de grande valia as palavras de Calvino, o qual diz que “a escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola.”(2007, p.13)

5 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação após Auschwitz**. In: MAAR, W.L. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FERREIRO, Emilia. Leer y escribir en un mundo cambiante. In: _____. **Pasado y presente de los verbos leer y escribir**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2008.